

**Do maravilhoso ao desencantamento:
Olhares sobre a natureza no cerrado nos séculos XVIII e XIX**

**Of the wonderful to disenchantment:
Perspectives about nature in cerrado in the centuries XVIII and XIX**

Pepita de Souza Afiune*

Eliézer Cardoso de Oliveira**

Resumo: O objetivo do artigo é analisar as representações diferenciadas sobre o cerrado goiano. No século XVIII, relatos de bandeirantes e colonizadores expressaram uma visão maravilhosa da natureza, como um lugar de riquezas expressas nas singularidades das formas geológicas. Já no século XIX, no contexto da emergência do racionalismo científico, o cerrado foi visto, tanto por viajantes-cientistas (como o austríaco Pohl), como por políticos-exploradores (como Taunay) de modo desencantado, sendo enfatizado a sua pertinência para o desenvolvimento da ciência ou para o desenvolvimento econômico.

Palavras-chave: História de Goiás. Representações. Desencantamento do mundo.

Abstract: The aim of this paper is to analyze the different representations of cerrado in Goiás. In the eighteenth century, pioneers and settlers reports expressed a wonderful view of nature as a place of wealth expressed in the singularities of geological forms. In the nineteenth century, in the context of the emergence of scientific rationalism, the cerrado was seen both by travelers - scientists (as the Austrian Pohl), for political - explorers (as Taunay) of disenchanting mode, it emphasizes its relevance to the development of science or for economic development.

Keywords: History of Goiás. Representations. Disenchantment of the world.

* Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais e Humanidades: Territórios e Expressões Culturais no Cerrado – TECCER / UEG. Recebe apoio financeiro da Universidade Estadual de Goiás através de bolsa *Stricto Sensu*.

** Doutor em Sociologia pela UnB. Docente do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais e Humanidades: Territórios e Expressões Culturais no Cerrado – TECCER da Universidade Estadual de Goiás e Professor do curso de História (UEG).

Introdução

O modo como a humanidade concebe a natureza¹ passou por profundas alterações com o Iluminismo, quando emergiu a ideologia do progresso. Com isso, a natureza perdeu o seu caráter maravilhoso e passou a ser concebida como desencantada. Na verdade, esse processo se iniciou por volta do século XVI, no contexto do desenvolvimento pioneiro da ciência moderna. A emergência do cartesiano “discurso do método” provocou a dualidade entre uma visão racionalista do mundo e uma visão encantada, entre aqueles que concebiam que a natureza era uma máquina e aqueles que discerniam a natureza como uma entidade mágica. No fim das contas, a visão científica da natureza tornou-se dominante. Para Claude-Gilbert Dubois

Num universo em que os objetos são apenas objetos, o sujeito está livre para se apossar do mundo sem escrúpulos, e para instaurar uma relação de domínio ou intercâmbio material em lugar do cerimonial e do ritual que caracterizam a relação com um mundo mágico, onde os objetos têm virtudes e contêm almas (DUBOIS, 1995, p. 205).

O “apossar do mundo sem escrúpulos” significa tanto a posse material pela transformação da natureza em mercadoria, como também a posse intelectual, pela transformação da natureza em objeto científico. Cientistas e capitalistas, com motivações diferentes, uniram suas forças para despir a natureza do seu manto mágico para que fosse violentada pelo dinheiro e pela ciência.

O modo como a natureza distante do cerrado goiano foi representado na transição do século XVIII para o século XIX fornece uma interessante amostra dessa apropriação da natureza pelo saber racional dos cientistas-viajantes. Os primeiros desbravadores que chegaram, no século XVIII, atraídos pelo ouro, ainda concebiam a natureza a partir da categoria do maravilhoso e do encantamento. Logo, na primeira metade do século XIX, apareceram os cientistas viajantes, atraídos pela curiosidade científica, que concebiam a natureza como um objeto a ser catalogado, classificado e desmistificado.

¹ “Natureza significa antes de tudo regiões e ecossistemas que não eram dominados por europeus, embora incluindo muitas regiões da entidade geográfica conhecida como Europa” (PRATT, 1999, p. 78).

Essas duas visões sobre a natureza do cerrado constituem o tema deste artigo. Em termos metodológicos, ele procura contrastar, a partir das categorias “maravilhoso” e “desencantamento do mundo”, as visões dos primeiros desbravadores do século XVIII e as visões dos viajantes do século XIX. No entanto, é preciso levar em conta que os relatos sobre a natureza não podem ser concebidos como uma descrição fidedigna da realidade. Eles não podem ser dissociados dos interesses econômicos, das crenças religiosas, da vinculação institucional ou profissional dos autores desses relatos. Nesse sentido, os relatos sobre a natureza, às vezes, informam mais sobre o universo simbólico do autor do que propriamente sobre a natureza descrita².

Desse modo, foi pertinente a leitura de Pratt (1999) que enfatiza o processo cultural norteado pela dominação do racionalismo e da ciência nas experiências de viagens realizadas nos continentes africano e sul americano. A literatura de viagem é o objeto de análise neste artigo, à medida que ela possibilita uma discussão sobre alteridade e o papel do Ocidente como um produtor de discursos enfatizando a sua hegemonia frente as demais sociedades. O viajante observa, conjectura e cataloga terras e povos até então desconhecidos, enquadrando-os em um discurso que os inferioriza. Enfim, essa literatura de viagem, para Pratt, é masculina, eurocêntrica, e discípula de Lineu, Humboldt e Martius.

A Natureza “maravilhosa” do Cerrado

O desconhecimento dos exploradores sobre a especificidade do cerrado explica a presença do maravilhoso nas primeiras narrativas sobre esse bioma. O maravilhoso é condizente com um estado de espírito que expressa o deslumbramento diante de algo que é admirável e o reconhecimento da incapacidade de explicá-lo racionalmente. Portanto, o maravilhoso abrange desde a simples admiração diante da grandeza de um fenômeno natural raro até o estupor diante do prodígio milagroso.

² Os relatos destes viajantes apresentam-se comumente carregados de julgamentos de valor oriundos de uma visão de progresso eurocêntrica (SILVA, 2005).

Uma definição satisfatória do maravilhoso foi formulada por Tzvetan Todorov no livro *Estruturas Narrativas*. Nesta obra, ele defende que o fantástico aparece na literatura toda vez que se duvida da validade das leis do mundo: quando o leitor hesita entre uma explicação natural e uma explicação sobrenatural dos acontecimentos narrados. Dependendo de como essa dúvida será solucionada, ter-se-á um fantástico-estranho, um estranho puro ou um fantástico maravilhoso.

O “fantástico-estranho” é um falso maravilhoso, pois “os acontecimentos que parecem sobrenaturais ao longo da história recebem por fim uma explicação racional” (TODOROV, 2004, p. 156). Nesse tipo de narrativa, as leis do mundo continuam valendo e o sobrenatural é explicado pela razão. A ciência subjuga a magia do mundo.

Já o “estranho puro” é caracterizado por “acontecimentos que podem perfeitamente ser explicados pelas leis da razão, mas que soa de uma forma ou de outra, incríveis, extraordinários, chocantes, singulares, inquietantes, insólitos” (Ibidem, p. 158). Nesse tipo de narrativa, as leis do mundo continuam valendo, mas a coincidência ou sintonia entre os fatos humanos e os naturais é tão grande que quase se chega a pensar que os dois mundos estão conectados por uma força superior. Nesse caso, a ciência é incapaz de explicar a complexidade do mundo e deixa uma brecha para o mistério.

O “fantástico-maravilhoso” refere-se a “narrativas que se apresentam como fantásticas e que terminam no sobrenatural” (Ibidem, p. 159). Nesse caso, os acontecimentos rompem com as leis naturais e só podem ser explicados se o leitor admitir a vigência do sobrenatural. Agora a magia subjuga a ciência.

Durante milênios, a visão predominante era a de que a natureza era permeada de mistérios, de simbologias e encantamento. Para Cynthia Morais,

O maravilhoso era, muitas vezes, indicações que os deuses endereçavam aos mortais, cujo caráter insólito permitia a compreensão de um significado oculto, situando o homem fora das normas cotidianas. Atentas aos fenômenos inabituais, as pessoas buscavam captar-lhes os sentidos. Todos os acontecimentos relativos à natureza eram acompanhados com atenção, uma vez que podiam ser, de alguma forma, dotados de profundos significados. (MORAIS, 2004, p. 136).

Daí o abundante interesse dos escritores da antiguidade nos fenômenos que desafiavam a lógica racional da natureza. Heródoto relatou exemplos de animais fantásticos, como, por exemplo, as “serpentes aladas da Arábia” (Ibidem, p. 106), ou acontecimentos que desafiavam as leis da natureza, como o caso da mula que deu cria, durante o cerco persa à Babilônia (Ibidem). Na mesma orientação, Flávio Josefo, em *Guerra dos Judeus contra os Romanos*, relata que, na véspera da destruição do templo de Jerusalém pelos romanos, uma “vaca que era levada para ser sacrificada deu à luz um cordeiro no meio do Templo” (JOSEFO, 2004, p. 1418).

A presença do maravilhoso continuou forte durante toda a Idade Média europeia e foi reavivada com as descobertas marítimas. Sérgio Buarque de Holanda, no seu magnífico *Visão do Paraíso*, analisa o imaginário edênico que corroborou a utilização do maravilhoso na descrição da natureza do Novo Mundo pelos colonizadores ibéricos. Daí a procura, principalmente por parte dos espanhóis, de lugares maravilhosos na América, como a lagoa ou serra dourada, a fonte da juventude, o país das amazonas, dentre outros. Até os portugueses, reconhecidamente mais realistas do que os espanhóis, não deixaram de se maravilhar com o exotismo da nova terra descoberta. O que maravilhava os portugueses era principalmente os metais e pedras preciosas, mas não deixaram de se deslumbrar com o exotismo da fauna e da flora da colônia. No entanto para os portugueses, o maravilhoso da fauna não se refere, necessariamente, aos animais mitológicos, como as sereias supostamente avistadas por Colombo ou a fênix, mas a animais ordinários que revelavam um significado transcendental. Foi o caso, por exemplo, do inofensivo louva-a-deus, admirado pela sua postura de devoção e principalmente pela sua suposta qualidade de se transformar em madeira (HOLANDA, 2000).

No caso de Goiás, os primeiros relatos dos elementos naturais do cerrado produzidos pelos bandeirantes reproduziram o imaginário edênico da imensidade de riquezas existentes no sertão. Um exemplo bem conhecido é o mito da Serra dos Martírios, criado na Bandeira de Bartolomeu Bueno, o pai, segundo o qual haveria, esculpido nessa serra, os elementos imagéticos do martírio de Cristo, tais como a coroa, a lança e os cravos (ALENCASTRE, 1979).

Os bandeirantes procuravam nas inscrições da natureza do cerrado signos místicos que poderiam revelar incontáveis tesouros naturais escondidos. No Roteiro

de Urbano de Couto, importante documento do imaginário bandeirante, há uma descrição maravilhosa de uma rocha singular da geologia goiana:

é uma perfeita obra da natureza, que se poderá ter por uma das maravilhas do mundo; é a tal pedra redonda tão alta como dizem da Torre de Babel; tem da parte do sul uma escada bem feita, obra da natureza, por onde se sobe e tem em cima um assento em que bem poderiam estar 20 mil soldados formados à vontade; da parte do norte nenhuma pessoa, por mais animada que seja pode olhar para baixo que não tema, porque não alcança com a vista o fundo: corre de leste para oeste uma serra tão alta que parece que vai as nuvens e que parece ser fiadora de muitas riquezas. (COUTO, 1750, p. 27).

A vinculação com o imaginário bíblico, a monumentalidade e as promessas de riquezas são os elementos que compõem o maravilhoso dessa descrição geológica, hiperbolicamente considerada por Urbano de Couto como uma das “maravilhas do mundo”.

Tanto no Roteiro do Urbano, como no Mito da Serra dos Martírios, o maravilhoso está inscrito na configuração das rochas e serras. Eram esses os locais onde deveriam estar as riquezas cobiçadas. E aquelas em que os formatos remetiam a simbologias culturalmente valorizadas – o martírio de Cristo ou a Torre de Babel – podiam ser guardiãs dos tesouros ocultos.

Após os bandeirantes, vieram os colonizadores, com uma tarefa árdua: explorar o ouro, produzir alimentos, construir cidades, cobrar impostos, civilizar os indígenas, manter os escravos como escravos. Tudo isso em um ambiente físico significativamente diferente do existente em Portugal e mesmo no litoral do Brasil.

A implantação de atividades econômicas mineradora, agrícola e pecuária requereu um conhecimento cada vez mais intenso das idiosincrasias do ambiente do cerrado. E esse aprendizado foi gradativo e demorado. Já na década de 1780, com mais de 50 anos do início efetivo da colonização de Goiás, um cronista afirmou sobre a Serra Dourada: “É fama constante que sobre esta Serra chove só uma ou duas vezes em Fevereiro ou Março, e chovendo sempre da parte d’aquém e d’além dela, em cima não chove” (ANÔNIMO, 1783a, p. 118). Como o mês de fevereiro é geralmente bastante chuvoso em Goiás, a crença de que o topo da Serra bloqueava as chuvas só podia ser consequência de uma visão maravilhosa que imputava qualidades misteriosas ou incomuns às serras auríferas.

Essa visão maravilhosa das serras auríferas foi bastante comum no século XVIII. Em quase todas as culturas conhecidas, o brilho intenso do ouro fascinava, o que fazia dele um metal especial. Para o antropólogo Jack Weatherford, “as pessoas por todo o mundo notavam a semelhança de sua cor com a do sol, uma coincidência à qual atribuíam um significado especial” (WEATHERFORD, 2005, p. 29). Por isso, o ouro era apresentado aos deuses em sociedades que cultuavam o sol, como a egípcia e a inca. Nesse sentido, a coroa de ouro usada por reis e pelo papa pode ser uma sobrevivência cultural do paganismo antigo, sugerindo raios do sol emanando da cabeça régia ou papal. Por isso, não é de se estranhar o encantamento que se imputava às serras auríferas em Goiás, procurando relacioná-las a elementos da liturgia cristã – como a Serra dos Martírios – ou a elementos cotidianos, como por exemplo, o Morro do Chapéu, cuja toponímia se explica pelo fato de que o “monte onde se descobriu ouro tem a figura de um chapéu desabado”. (ANÔNIMO, 1783b, p. 79). Nas riquíssimas minas de Pilar, havia “umas pedras com uns abertos que representam Caras de gente e outras figuras muito reparáveis. Não há notícias de quem fizesse aquela obra. Assentam ser da natureza” (Ibidem, p. 78). O mesmo cronista afirma que “Antes do Arraial de S. Félix duas léguas, indo para o Norte, se vê ao pé da Estrada uma Tromba da pedreira negra e uma concavidade por ela abaixo, que o pavor faz não se averiguar a sua profundidade” (Ibidem, p. 78).

Esses relatos da natureza do cerrado goiano não corroboram uma visão “fantástico-maravilhosa”, no sentido descrito por Todorov de uma manifestação explícita do sobrenatural na natureza, como era comum nos relatos da Antiguidade. No entanto, a ênfase das descrições no formato peculiar de certas formações naturais, coincidente com a inferência da presença do ouro, demonstra uma perspectiva coerente com o “estranho puro”. O cuidado e a expectativa com que os mineradores inquiriam as formações rochosas em busca do ouro levavam-nos a imputar nas rochas o seu imaginário. Daí o dourado do brilho do sol nas rochas ser indicativo de riqueza aurífera da Serra Dourada, da mesma forma que o utilíssimo chapéu o ser do morro homônimo. Do mesmo modo, as rochas negras à beira do abismo e as rochas com rosto humano compuseram a visão maravilhosa do cerrado goiano.

O Cerrado desencantado

O século XIX foi um período de intensas explorações científicas que objetivaram o mapeamento de territórios longínquos para a exploração econômica ou a investigação científica da natureza exótica. O cerrado goiano era um dos lugares de mais difícil acesso no território brasileiro, sendo denominado de “sertão”, termo que para Arruda (2000), evoca a ideia de uma região intocada, uma selva, floresta virgem, região desabitada, longínqua e atrasada. Goiás era a “fronteira da fronteira”, por causa da dificuldade de acesso, do afastamento dos centros civilizados, da escassez de recursos naturais, da estrutura precária e do esgotamento das minas de ouro (CAMPOS; SILVA, 2013).

Esse é o momento em que os viajantes cientistas e naturalistas, educados no pensamento iluminista, chegam para conhecer as terras exóticas dos trópicos. O “desencantamento do mundo”, segundo Weber, abriu a perspectiva para que a natureza pudesse ser vista e analisada em termos racionais, despojada de elementos do maravilhoso. Isso

Significa principalmente [...] que não há forças misteriosas incalculáveis, mas que podemos, em princípio, dominar todas as coisas pelo cálculo. Isto significa que o mundo foi desencantado. Já não precisamos recorrer aos meios mágicos para dominar ou implorar aos espíritos, como fazia o selvagem, para quem esses poderes misteriosos existiam. (WEBER, 1982, p. 165).

Foi com esse espírito de dominar e avaliar tudo pela técnica que os viajantes naturalistas adentraram o sertão goiano. De acordo Pratt (1999) inspirados pelo apogeu da história natural, esses exploradores representam uma Europa em pleno desenvolvimento tecnológico, que se desafiava a aperfeiçoar seus sistemas de documentação no que tange a desenhos de botânica e zoologia, manutenção de instrumentos, viagens científicas, coleções e jardins botânicos. As narrativas de viagens científicas garantiam uma autoridade para a ciência (p. 62).

Pratt (1999) acrescenta que a questão não era apenas traçar rotas de novos lugares, mas conhecer os organismos que os habitam. A História Natural concebia o mundo como um caos, e cabia à ciência o papel de promover a sua ordem, e essa ordem se daria pelo olhar do cientista viajante. Assim, ela exigia a intervenção humana na natureza. Todos os organismos seriam alocados em nichos, gêneros e

espécies, juntamente a seus novos nomes criados. Apesar de a ciência estar intimamente ligada aos parâmetros comerciais, seus interesses transcenderam os limites econômicos, postulando um mundo dentro de seus padrões eurocêntricos, sistematizando a natureza e a própria vida humana.

A sistematização da natureza leva esta imagem de acumulação a um extremo totalizante, e ao mesmo tempo, molda o caráter extrativo e transformador do capitalismo industrial e os mecanismos de ordenação que estavam começando a formar a sociedade urbana de massas na Europa, sob a hegemonia burguesa. Como construto ideológico, ela forja uma imagem do mundo apropriada e reutilizada a partir de uma perspectiva europeia unificada (*Ibidem*, p. 75).

Essas colocações de Mary Pratt são pertinentes para analisar os relatos do austríaco Johann Baptist Emanuel Pohl³ (1782 – 1834), um dos pioneiros naturalistas a percorrer o cerrado. Pohl estava imbuído dos saberes científicos disponíveis em sua época: possuía a formação em medicina, geologia e botânica. Por isso, o seu olhar sobre a natureza transparece a frieza de um cientista:

Continuamos a viagem no amplo dorso de uma serra de xisto argiloso, onde ocorre também xisto quartífero e cujos três prolongamentos hemisféricos do lado oriental consistem em depósitos de ferro argiloso (POHL, 1976, p.98).

Diferente dos exploradores do século XVIII, o seu relato é técnico e não abre espaços para metáforas ou simbologias alusivas de uma concepção maravilhosa do mundo. Pelo contrário, ele procura despojar a natureza de encantamento, mesmo diante de formações geológicas inusitadas, como uma imponente caverna:

Do teto pendiam numerosas estalactites de formas estranhas e todas as paredes eram cobertas de concreções calcárias, de forma cilíndrica, lisas ou franzidas. Na sua maior parte já estavam unidas pelas gotas descendentes, que produziam novas figuras. O conjunto oferecia uma vista muito singular, altamente pitoresca e curiosa. Sabe-se como a Natureza frequentemente cria essas formas estranhas e fantásticas que só uma imaginação fértil e excitada pode dar nome e sentido a essas esquisitas formações. Assim é que em todas as cavernas calcárias os visitantes julgam reconhecer, nessas formas, púlpitos,

³ Conforme Leonardi (1996) Pohl também deixou relatos que são ricas fontes a respeito das longas distâncias dos sertões de Goiás, tendo passado por cidades como Arraias, Cavalcante e Vila Boa. Em seus relatos percebe-se atribuições ao sertão goiano como um local de seca, chuva, grandes distâncias, o sol escaldante, viagens solitárias e a dificuldade na travessia de rios.

cortinas, fisionomias, etc. O mesmo acontece aqui. Especialmente ao fundo deste salão à altura de 13 metros vêem-se várias colunazinhas que aparentam a Madona com o Menino Jesus nos braços. Naturalmente, a distância, a semelhança é maior. Chegando-se mais perto ou trepando-se nesta estranha coluna, desfaz-se a ilusão (*Ibidem*, p. 200).

Numa atitude inversa ao personagem do famoso “mito da caverna” de Platão, no relato de Pohl a ilusão está dentro da caverna. Contra o imaginário católico que poderia ver na caverna uma imagem sagrada do Menino Jesus, Pohl via apenas uma formação geológica.

A descrição do austríaco é técnica e minuciosa, mesmo quando se deparava com riquezas minerais: “aqui fica a mina de cristais, trabalhada irregularmente e em desacordo com as normas do ofício. Mede 154 metros de comprimento e 26,5 metros de largura e dirige-se, do sul para o norte, na encosta, em aprofundamento contínuo até uns quinze metros” (*Ibidem*, p. 108). Nessa descrição, além de criticar os métodos de trabalho de mineração usualmente utilizados em Goiás, Pohl teve o cuidado de medir cuidadosamente a mina e localizá-la corretamente a partir dos pontos cardeais.

Pohl viajava para conhecer e, segundo ele próprio afirmara, “somente o desejo de saber me trouxera a esta região” (POHL, 1976, p. 107). No entanto, isso não impedia de fornecer subsídios para a exploração econômica dos recursos minerais. Isso fica bem evidente quando afirmou: “não há dúvida de que a mina poderia proporcionar bons lucros. Em apenas três anos, um outrora pobre tenente de Paracatu extraiu dela 30.000 cruzados. Qual não seria o resultado com uma exploração racional?” (*Ibidem*, p. 108).

A prepotência do saber científico de Pohl o leva a exercer o papel de “Adão dos trópicos”, nomeando algumas das espécies vegetais encontradas:

Aqui chamavam a atenção os fetos arborescentes da vizinhança, de cerca de 5 metros de altura, com folhas de uns 3 metros de comprimento, que denominei de *Cyathe sternebergii*, em homenagem ao célebre e infatigável naturalista Senhor Gaspar, conde Von Sternberg (*Ibidem*, p. 149).

Na verdade, o que Pohl fazia era “renomear”, pois as espécies vegetais que ele encontrava já eram secularmente conhecidas pelos habitantes do cerrado, como era o caso da popular “árvore-do-papel” que ele designou de *Lasiandra Papyrus* (*Ibidem*, p. 151). Pratt adverte (1999, p. 57 – 59) que essa postura de Pohl em aplicar o latim em novas designações se deve ao sistema lineano que representou a aspiração da

ciência europeia em sistematizar novas espécimes. Carl Lineu, botânico sueco, restaurou a nomenclatura do latim porque não era uma língua específica de uma nacionalidade. Seu sistema acabou sendo incorporado internacionalmente pelo fato de que a Suécia era um país com menor potencial econômico no período, sendo visto como um desenvolvimento científico “neutro” politicamente, popularizando-o. Sua taxonomia se difundiu por toda a Europa a partir da segunda metade do século XVIII, surgindo os estudantes de Lineu, que começaram a coletar espécimes vegetais e animais realizando registros ilustrativos, principalmente das espécies encontradas nos trópicos. Assim, a autora mostra que isso mudou os relatos de viagem definitivamente a partir deste período, por influenciá-los na inclusão da história natural.

Já na parte final do século XIX, o cerrado goiano recebeu uma minuciosa descrição de Alfredo d’Escragolle Taunay (1843 – 1899). Ele era escritor, artista, político, engenheiro e historiador, que se destacou em suas expedições de caráter científico, aliado às vocações artísticas de família, advindas de seu avô paterno Nicolas-Antoine Taunay. Alfredo Taunay por pertencer a uma família aristocrata e de tradição, estudou em várias escolas destacando-se em diversas áreas, como na literatura, física e tornando-se bacharel em matemática e ciências naturais, posteriormente aderiu à carreira militar. Foi eleito deputado da Câmara da província de Goiás em 1872 e, nesse cargo, foi encarregado de produzir um texto para apresentar as riquezas de Goiás na Feira de Filadélfia de 1876.

Nesse sentido, o texto de Taunay é bem mais político do que, por exemplo, o texto de Pohl. Ele não quer apenas conhecer, mas mostrar potencialidades⁴, mesmo reconhecendo as desvantagens da província:

Goyaz não tem população para bem povoar uma zona sequer de seu imenso território; não tem hábitos de trabalho constante, pois não vê a retribuição imediata do labor; não sente em si a evolução do progresso; vive vida lânguida e desanimada e, prostrado sobre minas riquíssimas de ouro, não possui um real de seu (TAUNAY, 2004, p. 32).

⁴ Para Taunay, havia a necessidade de se integrar o sertão ao país e reconhecer o saber sertanejo. Demonstrava desta forma, uma perspectiva de integração nacional, fazendo parte da chamada terceira geração de românticos, ao lado de nomes como José de Alencar e Franklin Távora (Lima, 1999).

“Indolência” ou “preguiça” também eram palavras utilizadas para designar habitantes dos trópicos por parte dos europeus que desconheciam a sua cultura tradicional. Para a visão europeia, tanto os brasileiros quanto os africanos possuíam meios de acumulação de riqueza as quais escolheram não usufruir e isso então seria uma forma de rejeição do trabalho e gozo do ócio (Pratt, 1999, p. 117).

Goiás era o sertão e “sertão no Brasil quer dizer terreno ainda não de todo ganho ao trabalho e à civilização” (TAUNAY, 2004, p. 32). O maior exemplo disso foi o fato de que o produto goiano que fez mais sucesso em Filadélfia foi uma grande pele de uma onça preta, “fera de difícil caçada, pela raridade, e muito temida pela braveza e ferocidade dos instintos” (*Ibidem*, p. 49). Goiás mostrava-se ao mundo como um lugar de temíveis animais selvagens. Por isso, Taunay mostrava-se esperançoso que, no futuro, com a construção de “uma linha férrea às margens do majestoso rio Grande”, o sertão poderia transformar-se em civilização.

A descrição dos recursos naturais é central na descrição de Taunay. Apesar de sua sólida formação intelectual, ele foca, principalmente, a possibilidade de aproveitar os recursos naturais disponíveis na província. É uma visão instrumental e desencantada da natureza. Ele, inclusive, ironiza os relatos maravilhosos dos primeiros exploradores do século XVIII:

Depois se alcança o tão falado ponto dos Martírios, onde o perpassar da correnteza em rochas estratificadas deixou curiosos labores, em que os primeiros navegantes e a imaginação do povo viram os emblemas sagrados do sacrifício divino (*Ibidem*, p. 45).

Não há nenhum vestígio de maravilhoso ou fantástico na descrição de Taunay sobre a natureza do cerrado goiano. Para ele, os grandes rios, principalmente a bacia do Araguaia-Tocantins, são instrumentos para minimizar a distância entre a província e o litoral do Atlântico, apesar de reconhecer que

Estas linhas fluviais são com efeito de espantoso desenvolvimento; mas, cumpre dizê-lo, cheias de obstáculos, canseiras e perigos, que, se não impediram sua completa exploração, fizeram pelo menos desacoroçoar quantos as seguiram depois dos primeiros descobridores, necessitando em muitos pontos dos melhoramentos embora não custos de arte (*Ibidem*, p. 36).

O rio Araguaia e o Tocantins são avaliados mais pelos seus obstáculos à navegação comercial do que pelas suas belezas. Quanto ao primeiro, ele ressalta os bancos de rochas e de areias que atrapalhavam a navegação no período seco; em relação ao segundo, a ênfase é nas cachoeiras e as corredeiras que provocavam constantes naufrágios.

Quanto à fauna, ele descreve a riqueza e a diversidade, mas destaca os perigos para uma ocupação humana e econômica da província, como é o caso dos morcegos, que apareciam “em bandos numerosíssimos, verdadeiras nuvens, destroem grande quantidade de gado vacum, cavalos e suínos e sangram os próprios homens” (*Ibidem*, p. 52) ou da temível cobra cascavel. Apesar disso, “o gado vacum é abundantíssimo” e os “cavalos criam-se perfeitamente”.

Quanto à flora, Taunay lamenta a falta de recursos para enviar amostras mais significativas das 40 espécies nativas enviadas para a exposição nos Estados Unidos. As espécies foram escolhidas pela sua utilidade medicinal, como é o caso do Angelim, cujas sementes “operam como poderoso vermífugo”, ou da sucupira, da qual alguns médicos sugeriam o uso “contra a sífilis e moléstias cutâneas” (*Ibidem*, p. 56). De potencial econômico era aroeira vermelha, que “serve para esteios principais das casas” ou o pequi, cujos frutos “são por alguns apreciados, sobretudo cozidos com carne ou dentro do arroz” (*Ibidem*, p. 59). Em relação às espécies exóticas introduzidas no cerrado, ele destaca a presença pontual do trigo, do café e da videira. Destaca a qualidade superior do algodão goiano e a abundância do milho, do feijão e do arroz que “deram sempre tanto [...] que o alqueire, que eram e são ainda medidos para a venda, é o dobro em capacidade do de Minas Gerais ou Mato Grosso”. (*Ibidem*, p. 63).

Quanto à riqueza mineralógica, foram enviadas

Amostras bastante volumosas de minérios ferruginosos; pequena de ferro especular; lâminas quadradas, bem cortadas e perfeitas de mica branca e preta; alguns pedaços de mármore; bonito espécime de serpentina; agrupamentos de quartzo hialino; belo cristão de rocha pouco límpido, mas puro nas formas geométricas; outro afumado; várias ágatas; hiálito; larga folha de itacolomito ou pedra elástica; cristais de carbonato calcário; algumas piritas de ferro; grande bloco de asbesto; ardósias, um pau de oca, etc. (*Ibidem*, p. 65).

Além dessas foram enviadas pequenas amostras de diamantes miúdos e ouro em palhetas, pó e pepitas. Tudo isso fez Taunay afirmar que “nas entranhas da terra jazem ainda ocultos verdadeiros tesouros de Aladim” (*Ibidem*, p. 71).

Enfim para Taunay, apesar de Goiás ser caracterizado como um “sertão bruto”⁵, a utilização racional dos “inúmeros recursos naturais”, aliado ao patriotismo dos habitantes, era a principal esperança de romper “todas as barreiras que se opõem ao seu progresso, grandeza e felicidade” (*Ibidem*, p. 76).

O naturalista sueco Anders Sparrman qualificava o naturalista como um agente inovador, aquele capaz de traçar o perfil integral de um país, coisa que antes não havia sido feita pelos viajantes marítimos, que por sua vez, possuíam relatos mais relacionados à sobrevivência, monstruosidades e maravilhas encontradas (Pratt, 1999, p. 97 – 98).

Considerações Finais

Percebe-se que natureza do cerrado foi representada de modo diferenciada nos séculos XVIII e XIX. Primeiramente, predominou uma visão maravilhosa da natureza, lugar de abundância de ouro, que podia ser lido nos formatos peculiares das formas geológicas. Posteriormente, a partir do século XIX, os relatos de cientistas-viajantes e exploradores conceberam o cerrado a partir do seu potencial para a exploração econômica ou para descobertas científicas.

A ideia de uma natureza que pode ser dominada e explorada economicamente como provedora de recursos representa uma natureza inerte e manipulada pelo homem conforme os seus interesses. A partir do programa de manejo racional do meio ambiente, o conceito positivista definiu o pensamento científico como empírico racional. Tudo pode ser racionalmente calculável. Essa mudança de paradigmas foi denominada pelo sociólogo alemão Weber (2007) como o “desencantamento do mundo”. O racionalismo ocidental tem suas peculiaridades, e é

⁵ Taunay referia-se a uma região “selvagem”, que iria do Triângulo Mineiro até o sul de Goiás. Uma região desabitada, cercada por uma inóspita natureza, que a seus olhos passava a impressão de não estar interessada a receber a presença humana (Murari, 2009).

o que Weber procurou compreender, que esse racionalismo estava ligado à compreensão de mundo e o processo de expansão do saber empírico, a capacidade humana de dominar instrumentos e técnicas para se compreender os processos naturais.

Pratt (1999) apresenta uma visão crítica da história natural, afirmando que a mesma se relaciona com o expansionismo político e econômico, na medida em que se valia dos mecanismos ideológicos e semânticos dos naturalistas europeus para inferiorizar os povos colonizados. A história natural, desta forma, impactou os relatos de viagem, dando origem a um paradigma descritivo e apropriativo das regiões conquistadas, estabelecendo na verdade uma hegemonia abstrata, que a autora denomina como anti-conquista.

É preciso ressaltar seguindo as observações de Naxara (2004), que a narrativa do viajante ou do explorador é permeada de valores de seu tempo e de seu grupo social. Nesse sentido, tanto os bandeirantes do século XVIII, quanto os cientistas viajantes do XIX, supriram o déficit de um conhecimento mais substancial da natureza do cerrado por meio de representações culturais disponíveis na sua época. As duas perspectivas são limitadas, são lentes opacas, que, mesmo assim, deixaram documentos de como o cerrado goiano foi concebido.

Referências Bibliográficas

ALENCASTRE, José Martins de. **Anais da província de Goiás: 1863**. Brasília: Sudeco, Editora Gráfica Ipiranga Ltda, Governo de Goiás, 1979.

ANÔNIMO. 1783a. Descrição das lavras do Rio Vermelho e seus braços, da cachoeira abaixo desta Vila, até a barra do Rio Ferreiro, onde principia a Freguesia da Anta. In.

BERTRAN, Paulo (org.). **Notícia Geral da Capitania de Goiás**. Goiânia: UCG, UFG. Brasília: Solo Editores, 1996. p. 109 – 120.

ANÔNIMO. 1783b. Descrição da Capitania de Goiás e Tudo que nela é notável até o ano de 1783. 1783. In. BERTRAN, Paulo (org.). **Notícia Geral da Capitania de Goiás**. Goiânia: UCG, UFG. Brasília: Solo Editores, 1996. p. 73 – 86.

ARRUDA, Gilmar. **Cidades e Sertões: entre história e a memória**. Bauru: Edusc, 2000.

CAMPOS, Francisco Itami; SILVA, Sandro Dutra. Coronéis e camponeses: a fronteira da fronteira e a tese da “ficção geográfica” em Goiás. In: DRUMMOND, J. A., FRANCO, J.L.A., PIETRAFESA, J.P., SILVA, S.D.; TAVARES, G.G. (orgs). **Fronteira Cerrado: Sociedade e natureza no oeste do Brasil**. Goiânia: Ed. da PUC Goiás / Gráfica e Ed. América, 2013. p. 39 – 54.

COUTO, Urbano de. Roteiro de Urbano de Couto. 30 de julho de 1750. In. SILVA, Henrique. A bandeira do Anhanguera a Goiás em 1722: reconstituição dos roteiros de José Peixoto da Silva e Braga e Urbano de Couto. In. **Memórias Goianas I**. Goiânia: Editora da UCG, 1982. p. 9-31.

DUBOIS, Claude-Gilbert. **O imaginário da Renascença**. Tradução de Sérgio Bath. Brasília: Editora da UnB, 1995.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Visão do Paraíso: os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil**. 6ª edição, 2ª reimpressão. São Paulo: Editora Brasiliense, 2002.

JOSEFO, Flávio. Guerra dos judeus contra os romanos. Livro VI. In: JOSEFO, Flávio. **História dos Hebreus**. 8ª ed. Trad. Vicente Pedroso. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 2004. p. 933 – 1424.

LEONARDI, Victor. **Entre árvores e esquecimentos: história social nos sertões do Brasil**. Brasília: Editora UnB - Paralelo 15, 1996.

LIMA, Nísia Trindade. Missões ao interior e interpretação do Brasil. In: LIMA, Nísia Trindade. **Um sertão chamado Brasil: intelectuais e representação geográfica da identidade nacional**. Rio de Janeiro: Revan; IUPERJ; UCAM, 1999. p. 55 – 90.

MORAIS, Cynthia. **Maravilhas do Mundo Antigo: Heródoto, pai da História?** Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2004.

MURARI, Luciana. **Natureza e Cultura no Brasil (1870-1922)**. São Paulo: Ed. Alameda, 2009.

NAXARA, Márcia Regina Capelari. **Cientificismo e Sensibilidade Romântica: em busca de um sentido explicativo para o Brasil no século XIX**. Brasília: Ed. UnB, 2004.

POHL, J. E. **Viagem no interior do Brasil**. Tradução Milton Amado e Eugênio Amado. São Paulo: EDUSP, 1976.

PRATT, Mary Louise. **Os olhos do império**: relatos de viagem e transculturação. Tradução de Jézio Hernani Bonfim Gutierre. Rev. técnica de Maria Helena Machado e Carlos Valero. Bauru: EDUSC, 1999. 394 p.

SILVA, Clarinda Aparecida da. Antigos e novos olhares viajantes pelas paisagens do Cerrado. In: ALMEIDA, Maria Geralda de (Org.) **Tantos Cerrados**: Múltiplas Abordagens sobre a Biogeodiversidade e Singularidade Cultural. Goiânia: Ed. Vieira, 2005. p. 21 - 46

TAUNAY, Alfredo de Escragnoille. **Goyaz**. Rio de Janeiro: Goiânia: Instituto Brasileiro de Cultura, 2004.

TODOROV, Tzvetan. **As estruturas narrativas**. São Paulo: Perspectiva, 2004.

WEATHERFORD, Jack. **A história do dinheiro**. Trad. June Camargo. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.

WEBER, Max. “A ciência como vocação”. In. GERTH, H.H; MILLS, W. **Ensaio de Sociologia**. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1982. p. 154-210.

*Recebido em Junho de 2015
Aprovado em Dezembro de 2015*